

HUMOR, ESTERÍOTIPOS E METAPRAGMÁTICAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Rafael Turíbio Milhomem¹

Marco Antonio Almeida Ruiz²

Resumo

O humor tem se tornado um objeto de estudo polêmico no campo dos estudos da linguagem, em seus estudos, Possenti (2018) o ressignificou na linguística pensando na sua constituição como um campo. Assim, de Bordieu (1975) a Maingueneau (2010), o autor brasileiro mostrou as particularidades e as mudanças desse conceito a partir das diferentes formas de utilização no dia a dia, considerando as diferentes esferas sociais, econômicas e políticas, compreendendo, desse modo, como um campo em confronto entre diversas teorias e metodologias para a sua legitimação. Diante dessas questões, queremos analisar um fato que ocorreu num show de *stand-up* de Léo Lins. O Humorista utilizou-se de afirmações racistas para desqualificar um grupo social, os negros, e, com isso, deslegitimar todas as formas de resistência e de luta que eles vêm empregando ao longo da história. A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da análise do discurso francesa, utilizamos as noções de simulacro e metapragmática para (re)pensar os discursos e os seus sentidos que circula(ra)m em formato de comentários na rede social Instagram.

Palavras-chave: Discurso, Humor, Racismo, Resistência, Instagram.

Abstract

Humor has evolved into a contentious subject of study within the realm of linguistics. In his research, Possenti (2018) redefined humor's place within linguistics,

¹ É estudante de graduação em Letras/Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde integra o Grupo de Estudos de Teorias do Discurso (GETED) e realiza pesquisa sobre práticas linguístico-discursivas no ambiente digital. Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. E-mail: rafaelturibio@discente.ufg.br.

² É professor adjunto na área de Linguística e Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e doutor em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris (EHESS). Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP). É bacharel em Linguística pela UFSCar e licenciado em Letras (Português e Inglês) pela UNIFRAN. Coordenador do Grupo de Estudos de Teorias do Discurso (GETED). E-mail: marcoalmeida@ufg.br.

focusing on its establishment as a distinct field of inquiry. Thus, from Bordieu (1975) to Maingueneau (2010), the Brazilian author elucidated the nuances and transformations of this concept as it manifests in various daily contexts, considering diverse social, economic, and political spheres. Consequently, humor is perceived as a domain that grapples with conflicting theories and methodologies in its quest for validation. In light of these considerations, our aim is to analyze an incident that occurred during a stand-up comedy performance by Léo Lins. The comedian resorted to racially insensitive statements to undermine a specific social group, namely, individuals of African descent, thus questioning the legitimacy of their historical resistance efforts and activism. Drawing upon the theoretical and methodological underpinnings of French Discourse Analysis, we utilize the concepts of simulacrum and metapragmatics to (re)examine the discourses and their connotations that circulated in the form comments on the social media platform Instagram.

Keywords: Discourse, Humor, Racism, Resistance, Instagram.

1 INTRODUÇÃO

De tempos em tempos, observamos a irrupção de algum acontecimento que faz ressurgir o debate sobre os limites do humor e a responsabilização pelo que se diz. Recentemente, uma decisão judicial ordenou que as plataformas digitais retirassem do ar o show de *stand-up*³ do humorista brasileiro Léo Lins devido ao teor preconceituoso de suas piadas, algumas das quais, segundo a decisão, incorrem em um tipo penal, notadamente, racismo, previsto pela Lei n. 7.716/1989 e pela Lei n. 14.532/2023, que lhe equipara ao crime de injúria racial.

Diversos portais de notícias brasileiros e contas em redes sociais divulgaram esse fato, suscitando a emergência de inúmeros comentários de internautas, isto é, por um lado, vimos defensores assíduos do humorista e, por outro, aqueles que discordavam totalmente da sua atitude por considerarem um insulto às minorias. Em virtude disso, resta-nos a seguinte questão: quais são os limites do riso numa sociedade cada vez mais plural, mas que ainda retoma estigmas preconceituosos do passado “escondidos” pelo humor? Logo, as piadas têm adquirido um espaço muito significativo no campo da linguística, em especial nos estudos sobre o discurso, como maneira de compreender como elas funcionam delimitando um certo traço ou identidade social e usando-as como desculpa de “descontração” ou trazer um “senso de humor menos pesado” sobre os mais

³ Intitulado de “Perturbador”, o show foi removido das plataformas digitais em maio de 2023 por decisão da justiça do estado de São Paulo.

variados temas, por exemplo, os mineiros e sua tranquilidade diante de situações estranhas, ou os cariocas com o sotaque característico do chamado “r” puxado, ou até mesmo o jeito caipira dos paulistas de grande parte do interior do estado. Todas elas têm uma característica em comum: trabalhar com as identidades que são mobilizadas a partir de estereótipos. Com efeito, para não ficarmos apenas nessa obviedade, partimos aqui para pensar e propor uma leitura desse estereótipo por meio do simulacro (Maingueneau, 2008), isto é, da manifestação do outro como resultado, construídas por uma representação que é imaginária. Ou seja, tanto as identidades criadas (e reduzidas em simulacros) quanto os estereótipos gerados são frutos dessas interações sociais num embate interdiscursivo recorrente, destacando polêmicas profundamente arraigadas numa certa sociedade.

Ademais, queremos observar esse material cômico por meio de sua função sociointeracional, como que os usuários da língua exercem sobre elas usos metapragmáticos (Signorini, 2008) em disputas por (re)contextualização a partir de suas formações discursivas⁴. Assim sendo, um tipo de comentário em particular chama a atenção por sua recorrência e por sua função metapragmática – isto é, “tanto de descrever e avaliar quanto de condicionar e orientar os usos da língua na interação” (Signorini, 2008, p. 117) – nos debates sobre o humor, pois sinalizam como devem ser interpretadas e avaliadas piadas de conteúdo preconceituoso: é “apenas” humor, portanto, devemos rir.

No fluxo desse eterno embate discursivo entre aqueles que defendem que sob o signo do humor tudo é permitido e aqueles que exigem a responsabilização (inclusive penal) pelo que se diz enquanto “piada”, os enunciados transitam e, a cada movimento, vão deslocando sentidos nas diferentes esferas sociais e históricas. Como consequência, não se trata apenas dos simulacros de um traço identitário, nesse caso do humorista Léo Lins, tais afirmações geram uma representação preconceituosa que não está presente apenas em sua fala, mas na constituição histórica que corrobora cada vez mais o

⁴ Segundo Fernandes (2013, p. 41) o conceito de formação discursiva “refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica”.

preconceito latente, da dominação incrustada nos discursos de uma classe mais abastada sobre os discursos minoritários. Igualmente, piadas que se baseiam em diferenças raciais, de gênero, de sexualidade etc., a cada momento que são (re)criadas ou (re)contadas, também (re)criam novos sentidos.

Diante desse fenômeno da linguagem que é o humor, o presente artigo se propõe a analisar como ele é construído pelo jogo de estereotipia em uma das piadas do humorista citado, criando um simulacro do outro (Possenti, 2010) – no caso, as pessoas negras – e como este movimento insere novos discursos no estereótipo – ao que Maingueneau (2008) *apud* Ruiz e Araújo (2019) chama de “interincompreensão regrada” –, gerando, assim, efeitos de verdade negativos no imaginário coletivo com relação ao referido grupo social. É importante esclarecer que pretendemos utilizar a piada como um material de análise visto à luz da teoria da análise do discurso francesa; nosso objetivo é promover um gesto analítico e crítico sobre o funcionamento desses discursos, na forma de um show de *stand up*, e como eles geram sentidos negativos respaldados sobretudo pela história e pelo intertexto e que podemos dizer que tal humorista se inscreve. Por fim, tentaremos observar como comentários⁵ que buscam validar piadas de teor preconceituoso se configuram como práticas discursivas que, igualmente mobilizando simulacros invertidos sobre a noção de liberdade de expressão e humor, fazem circular e, por conseguinte, reforçam os estigmas raciais que em nada correspondem à realidade, mas perpetuam um imaginário coletivo racializado⁶ que tem graves consequências reais para grande parte da população brasileira.

2 O JOGO DE ESTERIÓTIPOS NO MODO DE FAZER HUMOR

⁵ Para os fins deste trabalho, consideramos como “comentários” apenas os enunciados escritos produzidos nos espaços que lhe são destinados (“caixas de comentários”) em publicações de redes sociais, notadamente, o Instagram.

⁶ Adotamos aqui o conceito de “raça social”. De acordo com Schwarcz (2019, p.32): “(...) se hoje em dia as teorias raciais saíram de voga, se o conceito biológico de raça é entendido como falacioso e totalmente equivocado em suas decorrências morais, ainda utilizamos a noção de ‘raça social’: aquela que é criada pela cultura e pela sociedade no nosso cotidiano.” Acrescentemos: criada também pelas práticas linguístico-discursivas cotidianas, ideia que é central no presente artigo.

Em seu quarto ensaio sobre o humor, intitulado “humor e censura: delimitando um campo?”, Possenti (2018) dedicou-se a tratar de um debate que, embora antigo, sempre emerge nos espaços de discussão pública – hoje, destacadamente, as redes sociais – sobre os limites do humor. Em maio deste ano, a Justiça de São Paulo determinou a remoção do show de *stand-up* do comediante Léo Lins das plataformas digitais em razão do conteúdo de algumas piadas que, conforme a decisão, incorrem no tipo penal racismo (Leis n. 7.716/1989 e n. 14.532/2023)⁷. Esse acontecimento foi amplamente divulgado em sites de notícia e, principalmente, nas mídias sociais, suscitando a proliferação de uma infinidade de enunciados (comentários) que oscilam entre dois posicionamentos axiais: a) tudo e todos podem ser objeto de piada em nome da liberdade de expressão; b) o humor tem limites e, quando ultrapassados, deve haver a devida responsabilização jurídica pelo que foi dito.

Não obstante o longo histórico desse embate político de posicionamentos, importa pensarmos como o interdiscurso é posto em funcionamento na construção do humor e nas próprias avaliações que os sujeitos realizam sobre ele. Segundo Possenti (2018, p. 51), a controvérsia está na gênese do humor, ou seja, só há piadas sobre temas que se encontram no centro de dois ou vários discursos em conflito. O próprio autor elenca como exemplos: sexo, poder, instituições e, o que nos mobiliza neste trabalho, raça. Além da controvérsia, o linguista ainda destaca a necessidade de os discursos serem populares, isto é, que estejam não só nos debates em contextos formais, mas também que permeiem as interações cotidianas, de modo que não se saiba mais a quem atribuir sua autoria. Fundamental nesse processo é a criação de estereótipos.

Estereótipos são “representações coletivas cristalizadas a respeito de um grupo de pessoas” (Zaccaro, 2019, p. 6), ou seja, são imagens socialmente consensuais que promovem uma simplificação exagerada de determinados grupos sociais e seus comportamentos que, via de regra, “apontam características negativas, que visam, de modo jocoso, a diminuir o outro.” (Zaccaro, 2019, p. 6). Logo, o humor se apoia grandemente em representações estereotipadas que rebaixam socialmente determinados grupos, a fim de provocar o riso. Com isso:

⁷ Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/extra/2023/05/17/Justi%C3%A7a-manda-tirar-stand-up-de-L%C3%A9o-Lins-das-redes-sociais>. Acesso em: 14 jul. 2023.

As piadas tornam-se um mote de reflexão sobre o processo de construção da identidade e são retratadas, sobretudo, por estereótipos. (...), um traço que é assumido por uma pessoa ou um determinado grupo social (estereótipo básico) pode gerar novos sentidos, opostos, rebaixando-o negativamente e por meio de interdiscursos cristalizados no imaginário social e ressaltando, com isso, características que denigrem o outro (o estereótipo oposto ou simulacro). (Ruiz; Araújo, 2019, p. 18).

Vejamos como os estereótipos básico e oposto emergem na construção de uma piada do humorista supracitado que se refere ao fato de pessoas negras encontrarem dificuldades para conseguir emprego e que está presente no show de *stand-up* alvo da ordem judicial:

“Na época da escravidão, já nascia empregado e também achava ruim.”⁸

Sabemos que a história do Brasil é marcada pela exploração humana, em regime de escravidão, do trabalho de populações africanas e afrodescendentes. Atualmente, índices sociais evidenciam como essas populações estão submetidas a relações de emprego que lhe são desfavoráveis⁹, muitas vezes marcadas por longas jornadas de trabalho e a baixa remuneração e reconhecimento. As populações negras estão historicamente ligadas ao trabalho exaustivo e precarizado, mas também às lutas de resistência, por emancipação e garantia de direitos.

Nessa piada em análise, vemos que o humorista – homem branco e bem sucedido, com carreira consolidada na televisão, vale destacar – equipara o atroz regime de escravidão que vigorou por séculos no Brasil – marcado pelo tratamento de seres humanos como propriedade privada, sujeitos a jornadas exaustivas e a severos castigos físicos – a um vínculo empregatício (nos moldes da atual lei trabalhista) que seria instituído desde o nascimento – referência ao fato de que filhos de escravizados já nasciam também sob esse jugo –, para, em seguida, deslegitimar tanto os movimentos históricos de resistência à escravização quanto as lutas atuais contra a discriminação

⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/05/18/leo-lins-piadas-perturbador.htm>. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁹ Segundo dados de 2020 do IBGE, o percentual de pretos ou pardos em ocupações informais chegou a 47,4%, enquanto entre os trabalhadores brancos foi de 34,5%. Além disso, a população ocupada de cor ou raça branca ganhava em média 73,4% mais do que a preta ou parda. Em valores, isso significava uma renda mensal de trabalho de R\$ 2.884 frente a R\$ 1.663. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/informalidade-atinge-47-4-dos-trabalhadores-negros-do-brasil-diz-ibge-766e>. Acesso em: 16 jul. 2023.

racial no mercado de trabalho, sobretudo nos processos de seleção de candidatos a emprego.

Para este nosso exercício, interessa-nos observar a seguinte formulação “...e também achava ruim”, pois ela projeta o estereótipo oposto, referente às pessoas negras, expresso no enunciado, e ativa, ao mesmo tempo, um estereótipo básico, referente às pessoas brancas, que está pressuposto. Ao predicar o outro – as pessoas negras – como sujeitos que “acham ruim” não apenas a dificuldade de inserção no atual mercado de trabalho, mas também o regime de escravidão que se viu seus antepassados por séculos, cria-se a representação – simulacro – de pessoas que (historicamente) reclamam sem motivo, já que na visão dessa classe dominante, eles já estariam com empregos garantidos.

Vale destacar que o emprego do advérbio comparativo “também” reduz a continuidade do fio da história desde as lutas de emancipação durante o regime de escravidão até os atuais movimentos de luta por igualdade racial no mercado de trabalho ao mero predicativo “achar ruim”. Ora, em nada os movimentos de resistência à escravização e de combate às atuais desigualdades raciais correspondem à mera percepção dessas condições como simplesmente ruins. Predicá-los dessa maneira num enunciado, seja ele pretensamente humorístico ou não, é deslegitimar importantes processos históricos de luta tecidos no fio discursivo do contemporâneo que combatem, a duras penas, tais estigmas sociais. Pelo emprego do advérbio comparativo “também” na retomada dessa continuidade histórica no enunciado, seu autor, Léo Lins, introjeta um novo efeito de verdade no seu simulacro, qual seja, as pessoas negras, ao longo da história, apenas “acham tudo ruim” e reclamam, o que ratifica o imaginário dominante marcado pelo sistema patriarcal e escravagista. Não por acaso, uma resposta comum a discursos que denunciam situações de desigualdade racial e que tem se tornado frequente nas redes sociais é a famosa expressão “mimimi”¹⁰

¹⁰ A avaliação de enunciados que denunciam ou apontam instâncias de racismo como “mimimi” tem se tornado uma prática linguístico-discursiva comum nas redes sociais. Essa expressão deu ensejo ao capítulo A agressividade e o insulto nas redes sociais: a resignificação e a subversão (n/d)os sentidos da expressão ‘mimimi’, escrito em conjunto pelos autores do presente artigo, de uma coletânea de artigos sobre a discursividade nas redes, intitulada Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas, Letraria, 2023.

Dissemos acima que a imagem estereotipada reproduzida pela piada constitui um simulacro, isto é, um estereótipo oposto a um estereótipo básico. O que isso significa? Em *Gênese do Discurso*, Maingueneau (2008) propõe que, se cada discurso é delimitado por sua grade semântica, ele só interpreta os enunciados de seu Outro “traduzindo-os nas categorias do registro [semântico] negativo de seu próprio sistema” (Maingueneau, 2008, p. 99). Por consequência, “o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele constrói” (Maingueneau, 2008, p.99). É o que o referido autor chama de “interincompreensão”, processo que subjaz à criação do estereótipo oposto a partir do estereótipo básico na piada analisada.

Vejamos como isso ocorre: consideremos que “quando se busca rebaixar o outro, promovendo características negativas, tem-se evidente que os estereótipos são construídos por aquele que traduz o discurso do outro a partir das categorias do mesmo” (Araújo; Ruiz, 2019, p. 19). Assim, ao colocar em cena essa imagem estereotipada do outro, o enunciador da piada faz uma representação positiva das pessoas brancas (o “mesmo”) que está na camada do não-dito, no fio de seu discurso, e da qual o simulacro discursivo ativado sobre as pessoas negras é o avesso: se os negros só reclamam, as pessoas brancas trabalham e não reclamam (não “acham ruim”). Desse modo, vemos como o simulacro invertido posto em funcionamento na piada faz emergir efeitos de verdade sobre o outro e sobre o mesmo, pois discursos estereotipados também “refletem e refratam construções históricas e sociais que emergem, sob a forma de enunciados, discursos de verdade sobre grupos sociais” (Carreon, 2019, p. 45).

O que é posto em questão pela piada está constituído estereotipicamente no imaginário social. A piada aqui referida faz emergir características redutoras com respeito ao modo de ser e às expectativas sociais sobre o comportamento de determinado grupo que não têm lastro com a realidade. Na co-emergência dos estereótipos básico (pressuposto na piada) e oposto (expresso na piada), é, portanto, patente o atravessamento de ideologias racistas que, por sua vez, traz consequências graves para as populações negras, na medida em que faz perpetuar violências tanto simbólicas quanto reais sobre elas.

3 REENQUADRAMENTOS METAPRAGMÁTICOS NAS DISPUTAS POR (RE)CONTEXTUALIZAÇÃO: QUEM PODE DIZER O QUE É HUMOR?

Vimos em diversos portais de notícias sobre a derrubada do show de *stand-up* de Léo Lins – intitulado “Perturbador”, por ferir os direitos humanos e as minorias sociais –; assim, várias contas em redes sociais publicaram o ocorrido, suscitando uma profusão de comentários de internautas de diferentes ordens. Dadas as próprias características do ambiente digital, notadamente as redes sociais, as interações que nele ocorrem nem sempre são de fácil apreensão. O fluxo de mensagens é intenso e difuso e os enunciados podem desaparecer na mesma velocidade em que surgem, o que exige do analista um esforço suplementar de geração e registro dos dados a serem trabalhados. Desse modo, para as discussões que propomos suscitar nesta seção, delimitamos nossa análise em algumas postagens e comentários feitos na rede social Instagram em maio de 2023 acerca do humorista e da polêmica que causou.

Um tipo de comentário em particular chama a atenção por sua recorrência e por sua função quando é atrelado ao humor. Nas duas figuras a seguir, vemos o quanto esse humor fere com a dignidade humana, incitando violência e ódio. Tipos de discursos como esses acabam sendo relativizados justamente por “esconder” por meio do riso questões e problemas sociais. O discurso de violência aqui é gerado não só por expor uma problemática persistente na sociedade há décadas, como o preconceito contra minorias e a violência cruel, como também perpetua o modo como tais tipos discursivos aparecem e são, constantemente, ratificados por diferentes grupos simplesmente porque é “apenas uma piada”. Abaixo vemos duas capturas de telas com destaque para dois comentários em uma publicação da conta @imagens.historia, no Instagram, que retomam as piadas do humorista Léo Lins:

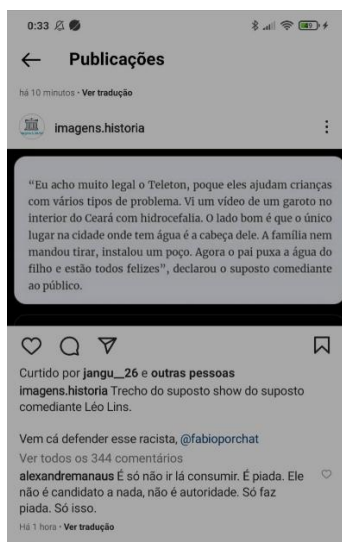


Figura 1



Figura 2

Fonte: acervo pessoal (maio/2023)

Antes de voltarmos nossa atenção para os comentários destacados acima, precisamos dar alguns passos para trás e recuperarmos algumas conceituações que nos serão úteis. É importante esclarecer que partimos de uma compreensão da língua em uso como “ação social, ou seja, situada no espaço/tempo e de natureza relacional e político-ideológica” (Signorini, 2008, p. 121). Entender o “dizer” como “agir” tem trazido para o centro dos debates sobre linguagem em uso a noção de performance, levando a uma necessidade de repensar determinadas categorias tradicionalmente exploradas em análises pragmático-discursivas. Assim, cabe-nos explorarmos um pouco melhor a noção de performance e como ela tem contribuído aos estudos da linguagem.

Após o desenvolvimento da teoria dos atos de fala de Austin (1976) e, mais recentemente, o pensamento de Butler (1997) na elaboração de sua concepção de performatividade de gênero, a linguagem tem sido estudada pelo viés da performatividade. Borba (2013, p. 449) explicita como Butler (1997) desvincula o lastro biológico da identidade de gênero, propondo a noção de performance, sendo o dizer, ou melhor, o “dizer-fazer” – na perspectiva de linguagem como ação sobre o mundo – parte fundamental deste processo, juntamente com um complexo de recursos semióticos:

Butler argumenta, então, que gênero não é uma propriedade dos indivíduos, uma essência refletida em seus atos e corpos, mas algo que se faz em nossas ações cotidianas, um efeito pragmático de um amálgama de recursos semióticos (língua, entonação, tom de voz, o que/como se fala, roupas, cores texturas, cortes de cabelo, posições corporais etc.) usados localmente para este/a interlocutor/a aqui e agora (Borba, 2013, p. 448).

O sujeito se produz performativamente, portanto, pelo que faz e diz a cada momento, de modo que sua identidade é um efeito de performances “que reatualizam discursos histórica e culturalmente específicos” (Borba, 2013, p. 448). Adotamos, então, essa noção de performance, na medida em que adquire uma posição central nos estudos da linguagem, não apenas em dimensões mais amplas – discursos historicamente organizados, institucionais ou não –, mas também em análises de eventos de fala locais e cotidianos para, a partir disso, pensar as consequências políticas de se entender a linguagem como forma de ação cotidiana de natureza relacional:

(...) na semiótica (da vida) social, o uso da língua é central; o sistema linguístico (i.e. a competência) não limita a existência social dos indivíduos a priori, mas é por eles/as constantemente (re)negociado, contestado, transformado e moldado nos/pelos contextos de uso da língua e pelas relações entre seus usuários/as (Halliday, 1978 *apud* Borba, 2013, p. 259).

Interessam-nos especialmente as ideias de (re)negociação, contestação e transformação que constituem o evento comunicativo, pois elas nos levam a observar como a performance assume papel fundamental nesses movimentos textuais. Bauman e Briggs (2006, p. 189) chamam atenção para os diversos eventos de fala (anteriores e posteriores) que condicionam a performance:

(...), performances não são simplesmente usos habilidosos [*artful*] da linguagem que se distanciariam tanto da vida do dia a dia quanto de questões mais amplas acerca do significado, (...). Na verdade, performance oferece um enquadre que convida à reflexão crítica sobre os processos comunicativos. Uma dada performance está ligada a vários eventos de fala que a precedem e sucedem (performances passadas, leituras de textos, negociações, ensaios, fofoca, relatos, críticas, desafios, performances subsequentes e similares) (Bauman; Briggs, 2006, p. 189)

Desse modo, pensar a performance nos leva a problematizar o contexto não como produto, mas como um processo. Bauman e Briggs (2006) falam, portanto, em contextualização, no lugar de contexto, pois os contextos comunicativos emergem continuamente na interação entre os participantes, não é um dado que preexiste à

interação. Os processos de (re)contextualização são possíveis porque as formas da arte verbal, conforme elucidam os autores, são passíveis de serem extraídas de seus contextos sociais e culturais de produção e recepção e de seu cenário inicial de interação – processo que chamam de *entextualização* – de modo a tornar possíveis sucessivos processos de descontextualização e recontextualização.

Fundamental a esse processo é a capacidade reflexiva da linguagem, pois o discurso pode ser alterado, moldado, transformado para facilitar a entextualização, isto é, sua extração do contexto situacional.

Performance, (...), é um modo de comunicação altamente reflexivo. (...) a performance é vista como um modo habilidoso [*artful*] de fala, especialmente marcado, e que constrói ou representa um enquadre interpretativo especial, dentro do qual o ato da fala deve ser entendido. Performance coloca o ato de falar em destaque – o objetifica, o destaca parcialmente de seu cenário de interação e o oferece para avaliação por uma audiência. Performance acentua a percepção do ato de falar e permite que a audiência faça avaliações acerca da habilidade e da eficácia dos talentos do ator [*performer*]. Por sua própria natureza, então, a performance potencializa a descontextualização (Bauman; Briggs, 2006, p. 207.)

A contextualização é, com isso, um processo que ocorre *in loco* – não preexiste ao ato de fala, mas com ele co-emerge. A cada momento, os participantes mobilizam e negociam elementos contextuais na elaboração de enquadres interpretativos – *framing*, que, nos termos de Goffman (1986, p. 10-11), são os princípios de organização que governam eventos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles. O enquadre é, desse modo, o controle e organização metacomunicativos do texto (re)contextualizado, “aquele recurso que coloca limites ao ‘campo visual’ interpretativo, referenciado em valorizações culturais, em outras palavras, nas bases ideológicas do acesso ao significado” (Pinto, 2019, p. 226).

Podemos observar, nas duas postagens anteriores, como, no ambiente interativo das redes sociais, ocorrem constantes (re)enquadramentos de enunciados a partir de diferentes entendimentos sobre o que é/deve ser o humor. As postagens originais (da conta @imagens.historia), que se reportam à polêmica envolvendo o humorista Léo Lins, enquadram as suas piadas como discurso de caráter preconceituoso, desrespeitoso ou de mau gosto. Para isso, o autor realizou duas entextualizações. Na postagem (I), extraiu um trecho de uma notícia (sem indicar a fonte) que, esta, já havia

recontextualizado uma piada do humorista para enquadrá-la no discurso jornalístico como citação direta. Na postagem (II), ocorre a entextualização de uma postagem do próprio Léo Lins em sua conta do Instagram.

O enquadramento dessas duas unidades de texto como discursos preconceituosos ocorre pela reunião de diferentes elementos. Primeiramente, as legendas das duas postagens repetem a palavra “suposto” ao fazer referência tanto ao papel de Léo Lins como humorista quanto a seu espetáculo, levantando questionamentos sobre sua legitimidade de humorista a partir do conteúdo de suas piadas e, dessa forma, deixando claro o posicionamento do administrador dessa conta contrário aos enunciados humorísticos que jogam com deficiências físicas (em questão, a hidrocefalia) e casos de violência (em questão, o caso da morte trágica de Isabela Nardoni, de grande comoção pública). Além disso, é importante considerar que a própria conta @imagens.historia sempre se posicionou de maneira explícita contra discursos preconceituosos e de ódio através de recontextualizações de unidades textuais extraídas de outros contextos, enquadrando-as como racismo, capacitismo, homofobia, transfobia, misoginia etc. Todos esses elementos reunidos contribuem para o processo de recontextualização das postagens acima.

Por conseguinte, logo abaixo das imagens presentes na publicação, encontramos em destaque dois comentários que realizam um reenquadramento visando à validação das piadas do humorista a partir do argumento segundo o qual suas piadas são “apenas piadas”, e, portanto, não configuram racismo. Essa aparente tautologia é uma fórmula que exerce, nesse reenquadro, função metapragmática (Signorini, 2008), na medida que visa a orientar como devem ser interpretados os enunciados produzidos sob o signo “piada”. Podemos definir a função metapragmática como “racionalizações sobre o uso da linguagem, inseridas em sistemas locais de interação e relacionadas às formas metalinguísticas que permitem referenciar e predicar a própria linguagem” (Pinto, 2019, p. 226). Destarte, a função metapragmática emerge da propriedade reflexiva da língua impulsionada por fatores de ordem sócio-histórica-cultural e político-ideológica. Ou seja:

(...), as metapragmáticas da língua em uso num dado espaço/tempo são sempre heterogêneas e dinâmicas em diferentes graus porque resultam da sinergia de um aglomerado de fatores inter-relacionados, que vão

desde a propriedade reflexiva da própria língua, associada às capacidades metalinguística e metacomunicativa dos falantes, até as dimensões sócio-histórico-cultural e político-ideológica das práticas de uso oral e escrito da língua e dos discursos sobre como são/como devem ser os usos linguísticos na interação social (discursos oficiais, científicos e de senso comum). (Signorini, 2008, p. 119)

Com efeito, os comentários destacados nas duas capturas de tela, ao referirem-se às piadas preconceituosas do humorista, recontextualizadas nas postagens, fazem uma orientação metapragmática desses enunciados que tem como objetivo reenquadrá-los como “humor”, mitigando seu conteúdo desrespeitoso e insensível e, por consequência, autorizando o riso como reação. Diante dessa situação, e como forma de mascarar o horror da violência nos seus mais diferentes níveis e formas, quem não rir será acusado de não possuir senso de humor, afinal, é “apenas uma piada”. Desse modo, os (re)enquadres metapragmáticos assumem centralidade nos processos de (re)contextualização, uma vez que

envolve[m] um processo ativo de negociação no qual os participantes examinam reflexivamente o discurso em sua emergência, inserindo avaliações sobre sua estrutura e significado na própria fala e (...) estendem tais avaliações de modo a incluir previsões sobre como a competência comunicativa, histórias pessoais e identidades sociais de seus interlocutores darão forma à recepção do que é dito. (Bauman; Briggs, 2006, p. 201)

Nosso argumento é, portanto, que nas disputas por contextualização, as noções de “humor” e de “piada” funcionam, em comentários como os dois destacados, como enquadres metapragmáticos que são acionados para, ao mesmo tempo, avaliar os usos e as práticas linguísticas (como permissíveis) e projetar interpretações e avaliações das formas (no humor, tudo é permitido e o riso é livre). Ademais, salientemos que não se trata aqui apenas de discursos ou fórmulas sobre a língua em uso e sua interpretabilidade, os constantes reenquadramentos promovem uma relação indexical entre o sujeito que fala e o lugar social a partir do qual ele fala, uma vez que as dimensões social, política e ideológica participam das avaliações sobre as práticas discursivas que são/devem ser nas interações sociais.

4 IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS E CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DO HUMOR

Quando o sujeito enuncia fórmulas dotadas de função metapragmática, seja para avaliar usos e formas, seja para organizar o contexto interpretativo do que foi dito, não o faz de modo isento de suas crenças e racionalizações sobre linguagem e comunicação. Com isso, queremos dizer que as metapragmáticas do cotidiano são necessariamente condicionadas por ideologias constituintes de práticas linguísticas. Esse conjunto de crenças e racionalizações são “complexos ideacionais [que] pertencem a todos os aspectos da comunicação: sobre formas e funções linguísticas, assim como sobre os quadros mais amplos de comportamento (frequentemente denominados ‘não linguísticos’)” (Blommaert, 2014. p. 68). As relações entre a camada metapragmática e as ideologias linguísticas são indexicais, pois aquela aponta para aspectos do contexto e do próprio enunciado que instanciam estas. O que pretendemos aqui é mostrar como essas relações indexicais revelam o que os sujeitos entendem sobre o humor e, dadas as disputas por (re)contextualização acima elucidadas, como esse próprio entendimento é igualmente disputado nos ambientes digitais contemporâneos.

Voltemos, portanto, aos dois comentários destacados nas postagens apresentadas acima. Na publicação (I), o usuário @alexandremanaus, quando diz “Ele não é candidato a nada, não é autoridade. Só faz piada”, faz referência à agência no humor, isto é, a quem, na sua racionalização, tem legitimidade para fazer humor: quem não detém cargo político ou posição de autoridade. O que subjaz a essa concepção é a questão da responsabilização pelo que se diz que, no caso de piadas, não deve ocorrer, haja vista que o humor não pertence a ambientes de discussão pública, onde atuam pessoas em posição de destaque (políticos, autoridades). Reforça-se, dessa maneira, o enquadre interpretativo segundo o qual no humor tudo deve ser permitido.

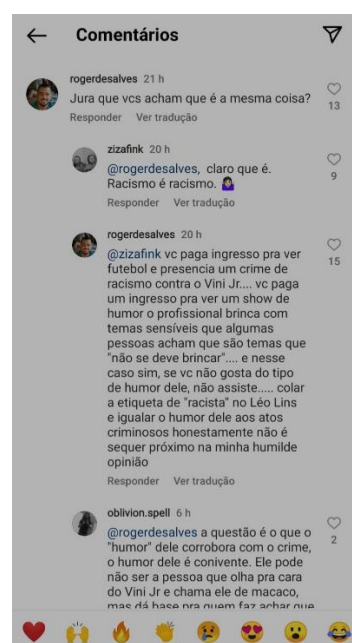
Esse mesmo enquadre é ainda mais explícito no comentário do usuário @engineer_tebom, na postagem (II), ao associar o enquadre original da publicação (piada como discurso insensível, de mau gosto) aos discursos impeditivos da religião: “Agora não faça igual a religião e tente impedir que as pessoa que gostem... Piadas ainda são PIADAS!!!” (*sic*). Mais uma vez, vemos instanciada a concepção de humor como algo que deve ser irrestrito ou, como dissemos anteriormente, um enquadre metapragmático que permite que enunciados usem qualquer pessoa e qualquer situação como objeto de riso. As formas linguísticas e semióticas são selecionadas indiciando ideias social e

culturalmente compartilhadas sobre o que seria uma prática ou comportamento linguístico-discursivo aceitável no humor. Para corroborar nosso argumento, vejamos mais um comentário de internauta que aponta para a mesma concepção de humor:

Figura 3



Figura 4



Fonte: acervo pessoal (maio/2023)

À esquerda, vemos uma postagem na página de humor satírico @jornalsensacionalista, do Instagram, que, fazendo uso da formatação de uma manchete jornalística para fins de efeito cômico, retoma o show de *stand-up* de Léo Lins, anunciando-o, devido a seu teor racista, como abertura do campeonato espanhol, em referência aos ataques racistas enfrentados pelo jogador de futebol brasileiro Vini Jr., atacante do Real Madrid CF em campo, por parte da torcida de times adversários na Espanha. Historicamente falando, a Espanha é um dos países europeus que mais vem se destacando negativamente, exaltando o racismo velado em diversas partidas de futebol. O caso do brasileiro é apenas um episódio do intenso horror racista e misógino que vem tomando espaço nas grandes mídias mundiais¹¹.

¹¹ Infelizmente, não é só o racismo que se destaca como um problema constante e preocupante na Espanha. A misoginia também tem alcançado holofotes no futebol. Recentemente, após a

Inicialmente, podemos notar que a postagem, em sua legenda, faz uma recontextualização de um comentário recorrente – visível inclusive no comentário destacado da segunda captura de tela (II), apresentada no início do tópico 2 –, situando-o num enquadre irônico: “É só um show, quem não gosta não assiste”, evidenciando, mais uma vez, que os enunciados são passíveis de entextualização, tornando esse processo central nas disputas de (re)enquadramento interpretativo. Dito isso, atentemos ao comentário destacado na captura de tela (IV). Ele se refere à comparação feita na postagem original entre o racismo sofrido por Vini Jr. em campo e a piada racista de Léo Lins. A pergunta feita pelo usuário nesse comentário tem um tom irônico, marcado sobretudo pelo uso do verbo “jurar” no início – como é de praxe em perguntas irônicas – e pelo predicativo “mesma coisa”, deixando entrever o posicionamento segundo o qual as duas instâncias de racismo não são equiparáveis, pois uma delas – a piada – não configura racismo, uma vez que se trata “apenas” de humor. Ou seja, vemos outra configuração enunciativa que aponta para uma concepção de humor como um enquadre de liberdade irrestrita do dizer, diferentemente de uma partida de futebol, onde ali sim, segundo o internauta, um enunciado racista configura, de fato, racismo.

Por fim, gostaríamos de destacar como os processos de (re)enquadramento metapragmático nas disputas por recontextualização estão intimamente ligadas à economia política do texto, na medida em que envolvem diferenças e desigualdades na disponibilidade e no acesso aos recursos linguísticos. Blommaert (2008) chama atenção para

a consciência de que o discurso é contextualizado em cada fase da sua existência e que todo ato de produção, reprodução e consumo de discurso envolve mudanças contextuais (Silverstein; Urban, 1996; Philips, 1998). Ao estudar o discurso e a estrutura social, esse movimento do discurso através dos contextos parece ser uma empreitada crítica crucial, uma vez que contém importantes aspectos de poder. (Blommaert, 2008, p. 110).

vitória da Espanha na Copa do Mundo de Futebol feminino de 2023, em meio a entrega de medalhas às jogadoras, Jenni Hermoso foi assediada com um beijo não consentido do presidente da federação espanhola de futebol, Luís Rubiales. Após vários comentários na mídia e a repercussão do caso, Rubiales foi afastado de suas funções para investigação da polícia espanhola como crime de agressão sexual. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/08/28/espanha-investiga-se-beijo-de-cartola-em-jogadora-foi-agressao-sexual-entenda-crise-em-5-pontos.ghtml>. Acesso em: 1 set. 2023.

Destacamos, assim, que na economia política do texto, são negociados, a cada movimento de contextualização, o acesso, a legitimidade, a competência e valores. O acesso diz respeito a estruturas institucionais e a mecanismos de inclusão e exclusão; a legitimidade refere-se à autorização para a apropriação dos recursos textuais; a competência está ligada ao conhecimento e à habilidade para realizar processos de recontextualização; os valores estão por trás da organização e hierarquização dos textos e seus usos:

Descontextualizar e recontextualizar um texto é, portanto, um ato de controle, e a questão do poder social emerge como resultado do exercício diferencial de tal controle. (...), podemos reconhecer acessos diferenciados aos textos, diferenças na legitimidade das reivindicações sobre textos e seus usos, competências diferenciadas no uso dos textos, e valores diferenciados agregados aos vários tipos de textos. Todos estes elementos (...) são culturalmente construídos, socialmente constituídos e sustentados por ideologias, podendo, assim, variar de uma cultura para outra (Bauman; Briggs, 2006, p. 211).

Deixamos, finalmente, à reflexão do(a) leitor(a): quem pode fazer humor? E mais: quem pode dizer o que é e como se deve fazer o humor? Acreditamos que nosso compromisso deve ser com a desarticulação não apenas de usos preconceituosos e perversos da linguagem, mas também de avaliações, justificativas e orientações interpretativas sobre esses usos que legitimam práticas de ridicularização, gozação e, em última instância, desumanização de grupos sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício reflexivo sobre a própria linguagem, notadamente sobre seus usos, está sempre calcado em ideologias, muitas vezes perversas, que podem passar despercebidas ao olhar desatento. Piadas não são apenas piadas; um ato de fala sempre emerge de um lugar sócio-histórico que não pode ser ignorado por nós, que nos dedicamos a estudar a linguagem.

Neste artigo, nosso intuito foi mostrar, primeiramente, como visões perversas – racistas, misóginas, capacitistas, homofóbicas – se materializam no fio do discurso pelo processo de estereotipação, em que sempre o dizer sobre o outro implica, igualmente, um dizer sobre o eu. Quando se trata de humor, esse processo adquire

contornos ainda mais cruéis, pois tornam pessoas e/ou grupos sociais objetos de derrisão e chacota. Ademais, buscamos também evidenciar como o exercício reflexivo dos próprios falantes sobre piadas e enunciados humorísticos também emergem de – e, por conseguinte, fazem circular – ideologias sobre a própria linguagem, suas formas e usos, em função dos (re)enquadramentos que esses falantes realizam.

Esse exercício metalinguístico e metacomunicativo condiciona, em última instância, a economia do texto, da fala: quem pode dizer, o que e quando dizer, quem deve ouvir, como reagir ou como não reagir etc. A nós, pesquisadores da linguagem, cabe, portanto, apurar nosso olhar crítico e analítico, não de modo pretensamente imparcial – até porque não cremos que isso seja possível – mas com um propósito político de transformação das nossas relações pela língua em direção a uma sociedade mais tolerante, respeitosa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1976].

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Trad.: Vânia Cardoso. Ilha – **Revista de Antropologia**, v. 8, n. 1/2, p. 185-229, 2006.

BLOMMAERT, J. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Situar a linguagem**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 91-115.

BLOMMAERT, J. Ideologias linguísticas e poder. In: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. N. N.; ALENCAR, C. N. (orgs.) **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 67-77.

BOURDIEU, P. La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison. **Sociologie et sociétés**, vol. 7, no. 1, p. 91-118, 1975. Disponível em: http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Specificite_champ.pdf. Acesso em: 20 de junh. 2017.

- BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos pagu**. Julho-dezembro, 2014 (p.441-474).
- BUTLER, J. **Excitable Speech: A Politics of the Performative**. Nova York: Routledge, 1997.
- CARREON, R. O. Chuta que é macumba: questões sobre o estereótipo do umbandista. In: RUIZ, M. A. A.; ARAÚJO, L. M. B. M (org.). **Das condições de enunciabilidade no discurso científico: o caso dos estereótipos**. Araraquara: Letraria, 2019, p. 39-59.
- ESPANHA investiga se beijo de cartola em jogadora foi agressão sexual: entenda crise em 5 pontos. **G1**, 28/08/23. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/08/28/espanha-investiga-se-beijo-de-cartola-em-jogadora-foi-agressao-sexual-entenda-crise-em-5-pontos.ghtml>. Acesso em: 1 set. 2023.
- GOFFMAN, E. **Frame Analysis: an essay on the organization of the experience**. New York: Harper & Row, 1986.
- INFORMALIDADE atinge 47,4% dos trabalhadores negros do Brasil, diz IBGE. **Central Única dos Trabalhadores (CUT)**, 12/11/20. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/informalidade-atinge-47-4-dos-trabalhadores-negros-do-brasil-diz-ibge-766e>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- JUSTIÇA manda tirar stand-up de Léo Lins das redes sociais. **Nexo**, 17/05/23. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2023/05/17/Justi%C3%A7a-manda-tirar-stand-up-de-L%C3%A9o-Lins-das-redes-sociais>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1984].
- MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PIADAS com pedofilia, racismo e mais: o que Leo Lins fala em show excluído. **UOL**, 18/05/2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/05/18/leo-lins-piadas-perturbador.htm>. Acesso em: 14 jul. 2023.

PINTO, J. P. É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos online. **Interdisciplinar**, v. 31, jan.-jun., 2019, p. 221-236.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

RUIZ, M. A. A.; ARAÚJO, L. M. B. M. Discurso e(m) mídia: a (des)construção do político em videomontagens do YouTube. In: RUIZ, M. A. A.; ARAÚJO, L. M. B. M (org.). **Das condições de enunciabilidade no discurso científico: o caso dos estereótipos**. Araraquara: Letraria, 2019, p. 13-38.

SIGNORINI, I. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. In: SIGNORINI, I. (org.) **Situar a linguagem**. São Paulo: Parábola, 2008.

ZACCARO, R. M. C. R. Prefácio. In: RUIZ, M. A. A.; ARAÚJO, L. M. B. M (org.). **Das condições de enunciabilidade no discurso científico: o caso dos estereótipos**. Araraquara: Letraria, 2019, p. 6-7.